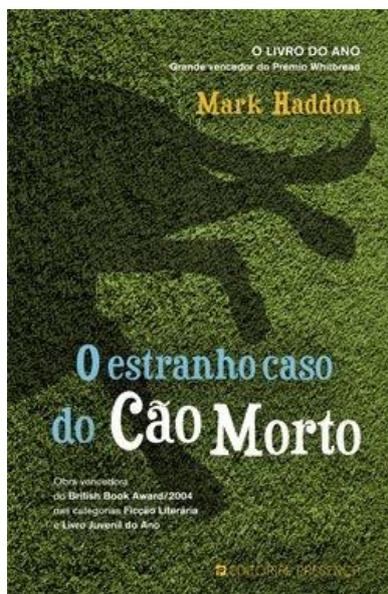


○ estranho caso do cão morto

(Recensão Crítica)



Trabalho no âmbito da formação:

Comunidades de Prática de Educação Especial (C509-13_14)

Formadoras: Filomena Ventura e Isabel Leitão

Formanda: Armandina Aguiar

Referencia Bibliográfica

Recensão Crítica da obra: “ O estranho caso do cão morto”

Autor: Mark Haddon

Editorial Presença, Lisboa 2003 (9.ª edição – 2011)

Tradução: Sílvia Serrano Santos

Coleção: Grandes Narrativas

Número de páginas: 233

O Autor

Mark Haddon nasceu em 1962, no Reino Unido. É escritor, argumentista, ilustrador e cartoonista. Iniciou a sua carreira literária como escritor de livros infanto-juvenis, tendo sido distinguido, entre outros prémios, com dois BAFTAs. Trabalhou com crianças autistas e ensinou Escrita Criativa na Arvon Foundation e na Universidade de Oxford.

O Estranho Caso do Cão Morto, o seu primeiro romance para adultos, é um *bestseller* em todo o mundo tendo recebido inúmeros prémios destacando-se o atualmente designado *Costa Book Award*.

Considerado pelo “The Times” como “um dos melhores livros de 2003, a obra recebeu muitos elogios da crítica e dos leitores, nomeadamente das pessoas ligadas à problemática do Autismo (professores, pais...) pois, não sendo um trabalho científico, aborda a questão com a sensibilidade, precisão e minúcia de quem conhece e sente o fascínio desta estranha forma de ver e pensar os outros.

Introdução

Pretende-se com esta recensão crítica apresentar uma síntese das ideias fundamentais da obra supra citada, comentando o seu valor, abrangência e pertinência tendo como referência que o possível leitor é um docente de educação especial.

Centrar-nos-emos na apreciação do seu conteúdo de forma contextualizada, tentando evidenciar aquilo que nos fascinou: A forma como Christopher nos vê e como pensa que o vemos.

Descrição do conteúdo da obra

Christopher Boone, um jovem de quinze anos portador de autismo (mais especificamente Asperger, segundo afirma o autor na edição inglesa). Num dos seus passeios noturnos pelas redondezas da casa que habita com o pai, a mãe falecera há dois anos, descobre Wellington, o cão da vizinha, morto.

O desenrolar dos acontecimentos à volta deste incidente levam a que decida escrever sobre ele, - Christopher, o “detective”, vai tentar encontrar o assassino de Wellington – respondendo, assim, a uma sugestão da sua professora de educação especial, Siobhan, para que escreva algo que gostasse de ler.

A narração vai fluindo de uma forma cada vez mais intensa atingindo o seu auge no momento em que, de forma dramática, Christopher percebe que a sua investigação e sua vida convergem, descobrindo que o seu mundo, tão organizado e previsível, não existe.

Estamos perante uma narrativa que é uma ficção, socorrendo-se o autor, de uma forma que se revela eficaz, das metodologias de escrita características do romance policial. A originalidade está no facto de o criminoso ser descoberto ainda a história vai a meio. No entanto, esta situação não interfere na forma como o leitor continua envolvido na trama, porque o que realmente é fascinante e nos prende é Christopher.

O autor construiu um personagem verosímil, conseguindo dar-nos uma visão “do outro lado” de uma problemática que muitas vezes aparece como traiçoeiramente atraente (...extraordinário, conhece todas as marcas de carros”). Sem pieguices, Christopher surge-nos como um jovem com autismo, que se conhece, que aprendeu a lidar com os seus medos e com os constrangimentos dos outros e que, a partir de uma lógica muito sua e por vezes cruel vai gerindo a sua vida.

Apreciação crítica do texto

A forma encontrada pelo autor para tornar o leitor cúmplice do protagonista parece-nos perfeita. Contada na primeira pessoa, como se fosse um diário, a história vai-se tornando progressivamente mais densa e interessante. Há um equilíbrio quase perfeito entre a riqueza intrínseca da personagem e a acção,

não deixando que a riqueza e especificidade de um se sobreponham abusivamente á outra.

De salientar, porque permitem um conhecimento mais aprofundado do pensamento de Christopher, é o facto de Mark Haddon completar o texto com imagens, fotos, gráficos e mapas.

O que na nossa opinião torna esta obra interessante no que respeita à abordagem desta perturbação, não é tanto o facto de identificamos no protagonista as características associadas ao autismo mas sim, a forma como o autor nos consegue transmitir o que ele sente e a lógica das estratégias que usa para resolução dos problemas com que se vai deparando.

O Neurologista Oliver Sacks, autor de “ Um antropólogo em Marte”, considera, na apresentação inglesa de “O estranho caso do cão morto”, que Mark Haddon mostra um grande conhecimento da mente de um autista.

Sem querermos ser exaustivos iremos referir alguns aspetos da personalidade do protagonista que correspondem ao que na literatura se consideram indicadores de autismo:

- Comprometimento na interação social quer por dificuldade na compreensão da linguagem não-verbal (gestos, expressões faciais, posturas corporais, contacto visual direto), “ *As pessoas confundem-me (...) a primeira razão é que as pessoas falam muito sem usarem quaisquer palavras.*”, quer pelo uso de linguagem não literal, por exemplo metáforas, “*Eu não consigo contar piadas porque não as percebo*”, quer pelo desconforto em frequentar ambientes com muitas pessoas, contactar com desconhecidos ou ser tocado, “*Havia muita gente no comboio, o que não e agradou, porque não gosto de gente desconhecida (...)*”, “ *O polícia pegou-me no braço e obrigou-me a pôr-me de pé. Eu não gostei que ele me tocasse dessa maneira. E foi então que lhe bati*”; “*Depois ele ergueu a mão (...) e estendeu os dedos em forma de leque, e eu ergui a mão (...) e abri os dedos em forma de leque, e fizemos com que os nossos dedos e polegares se tocassem*”.

- Dificuldade no estabelecer de relações com os pares. Ao longo de toda a obra é notório que Christopher não tem amigos. Aparentemente as crianças que frequentam a sua escola serão portadoras de défices diferentes e o convívio entre elas parece ser diminuto. “*Os miúdos da minha escola são todos burros.*”

- Existência de interesses restritivos, repetitivos e estereotipados. Rotinas e rituais inflexíveis e por vezes pouco funcionais, “*Nos livros, normalmente são atribuídos aos capítulos os números cardinais (...). Mas eu decidi dar aos meus capítulos os números primos 2,3,5,7, (...) e assim por diante, porque gosto de números primos*”,

- Frequentes maneirismos motores estereotipados e repetitivos, “*O meu peito começou a doer outra vez. Cruzei os braços, balancei-me para a frente e para trás e gemi.*”

Conclusões do autor

Estamos perante um texto simples, linear, fácil de ler, cativante até ao fim. Atrevemo-nos a ser simplistas naquilo que consideramos ser a ideologia intrínseca a esta obra, ou seja não nos parece que Mark Hadden tenha a pretensão de nos levar a concluir algo de muito transcendente. Não é por isso menos válida a mensagem que na nossa opinião ele transmite: o respeito pela diferença e a constatação que todos os seres humanos possuem uma enorme capacidade de superação.

O autor chama-nos igualmente a atenção para os cuidadores, na perspetiva de que não basta amar, é necessário aceitar, compreender e, essencialmente, perceber que nada é linear, avanços e recuos são normais e nenhuma solução é definitiva.

Reflexão para além do texto

É possível encontrar no texto informações sobre o sistema de integração das crianças com Necessidades educativas especiais no sistema educativo Inglês. O nosso protagonista frequenta uma escola de ensino especial, acompanha um currículo individualizado que nos parece muito flexível e com componentes académicas e artísticas. A sua professora de educação especial, Siobhan, funciona como elemento de referência e segurança.

Da leitura da obra transparece, na nossa opinião, a ideia que Christopher está bem preparado no que respeita às competências funcionais e auto conhecimento. No entanto surge-nos muito solitário, por momentos parece ser o único aluno da escola. Como seria Christopher se frequentasse um ambiente menos restritivo? Seria possível contar “O estranho caso do cão morto”?